

Apresentação

*Die gefährlichste aller Weltanschauungen ist die
der Leute, welche die Welt nie angeschaut haben.
(The most dangerous worldview is the worldview
of those who have not viewed the world)*

Alexander von Humboldt

O número 42 da Gragoatá registra a riqueza da etnicidade linguística e cultural expressa pela Linguística de Contato, também investigada como Línguas em/de Contato. Os estudos e pesquisas aqui apresentados abordam o assunto como um fenômeno geopolítico e histórico, definidor de identidades, tematizado em diferentes contextos multi e plurilíngues, indutores de políticas e práticas de linguagem, que traduzem de alguma maneira o *Weltanschauungen* de seus interlocutores.

O primeiro artigo, de Thomas Krefeld, trata da Linguística da (I)migração e apresenta estudos sobre a variação linguística induzida pelo contato em contextos de plurilinguismo individual e de plurilinguismo social. O autor propõe a descrição linguística dentro de um modelo que torna possível contextualizar os dados linguísticos no espaço comunicativo do falante, a partir de seu contexto histórico, considerando o repertório de variedades desse falante, com suas rotinas comunicativas em seu próprio repertório, no qual o falante representa uma unidade mínima do espaço comunicativo em que está inserido, a “glossotope”. Dando continuidade à discussão do tema em contextos de (i)migração, Konstanze Jungbluth e Peter Rosenberg tratam, em seus artigos, da questão da etnicidade linguística e cultural do Contato, mostrando que ela está em constante movimento. Jungbluth discute os conceitos de autoctonia e aloctonia em um contínuo e reconhece que a diversidade linguística, ao lado da diversidade cultural, são elementos essenciais ao processo de construção de uma nova imagem do brasileiro, a brasilidade. A pesquisadora afirma que as variedades linguísticas usadas atualmente por descendentes de imigrantes europeus são

reconhecidas como parte do patrimônio artístico e histórico imaterial na América do Sul. Já Rosenberg mostra a etnicidade linguística em movimento através de um processo de mudança/substituição cristalizada no uso de certos traços morfológicos de decomposição e simplificação identificados em duas ilhas linguísticas de imigrantes germânicos: uma na Rússia e outra no Brasil. O autor demonstra como a mudança linguística é acelerada em tempos de enfraquecimento das normas linguísticas, com implicação de perda de fronteiras étnicas. Em complemento ao estudo das migrações em perspectiva variacionista, Marques de Lucena apresenta um olhar quanti-qualitativo sobre o efeito da variável tempo de exposição em fenômenos de acomodação dialetal em situações de contato no Nordeste do Brasil. Ainda no âmbito das análises de categorias linguísticas em contexto de (i)migração, Flores Kupske trata dos efeitos do Contato entre categorias fonéticas distintas e apresenta uma revisão sobre o atrito de língua materna. O trabalho investiga o processo de perda da língua materna não patológica e não relacionada ao envelhecimento saudável, tratada no estudo como “Atrito Linguístico”, fenômeno frequente na produção e percepção dos sons da fala por imigrantes em contexto de L2 dominante. Finalizando o bloco dos estudos que tratam de categorias linguísticas distintas de contato, Zinkhahn Rhobodes apresenta uma perspectiva interdisciplinar da análise dos aspectos gramaticais do contato linguístico na região fronteira da Polônia e da Alemanha e propõe uma abordagem para análise de dados que integra a teoria da fronteira com a análise linguística.

Os artigos seguintes tratam de questões voltadas para Política(s) Linguística(s) propostas e impostas a diferentes situações de Contato de Línguas. O trabalho de Gilvan Müller de Oliveira e Julia Isabelle da Silva aborda o acolhimento de imigrantes no século XXI, enquanto o artigo de Djane Correa e Tania Güths trata da manutenção das línguas de imigração do século XIX. No primeiro, Oliveira e da Silva apresentam uma discussão sobre as políticas linguísticas que o Estado brasileiro tem adotado para responder às barreiras linguísticas enfrentadas pelos atuais imigrantes no acesso aos serviços públicos. Os autores propõem a discussão com base em elementos jurídicos e argumentam contra a negligência do Estado, em especial na institucionalização do ensino de

português para refugiados. No caso do artigo de Correa e Güths, que se volta para a política linguística pensada para manutenção do uso de línguas no contexto de imigração de séculos passados, os autores problematizam a questão dos poloneses no município de Itaiópolis, em Santa Catarina, e discutem a diferença entre a implementação de políticas linguísticas *in vivo* e *in vitro*, bem como a relação que pode ser estabelecida entre língua e identidade. Uma outra realidade também discutida no bloco de artigos dedicado aos estudos sobre Política(s) Linguística(s), Leticia Cao Ponso parte do exemplo do multilinguismo em dois países africanos na pós-colonialidade e propõe uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico, a partir da ideia de dominação e de poder, e ainda questiona a visão etnocêntrica da supremacia de algumas línguas sobre outras, a qual condiciona certa verticalidade no olhar do linguista ao avaliar a valoração das línguas em contato. No mesmo sentido, Maria Helena de Paula e Zacarias Quiraque tratam da diversidade linguística em Moçambique, um país multilíngue, plurilíngue e multicultural, onde cerca de 20 línguas são classificadas como Bantu, com características específicas, mas correlatas. Os autores discutem a questão da diversidade linguística frente aos direitos linguísticos e à planificação linguística no *locus*, abordando questões sobre direitos linguísticos, escolha e adoção da língua de educação, modelos de educação (monolíngue e bilíngue) e formação de professores.

Um outro aspecto abordado na definição de Política(s) Linguística(s) refere-se às políticas impostas em contextos de (i)migração. Nesse tópico, Tavares de Sousa e Batista de Sousa discutem as políticas linguísticas relacionadas aos processos de migração dos mexicanos nos EUA e dos turcos na Alemanha. Os autores adotam a noção multidimensional de política linguística, compreendida a partir das crenças e ideologias, das práticas e da gestão, e ilustram a questão a partir de exemplos provenientes de diferentes domínios sociais, como instituições educacionais, organizações governamentais e não governamentais, dentre outros, que, por sua vez, evidenciam o papel da proficiência linguística no processo de integração dos imigrantes na sociedade acolhedora. Ainda em termos de políticas educacionais em contextos multilíngues, Vanessa Massoni da Rocha busca analisar os contextos pedagógicos de

ensino/aprendizagem das línguas crioulas nos departamentos ultramarinos franceses de Martinica e Guadalupe. Nesse artigo a autora questiona as interfaces entre ensino e práticas de linguagem identitárias, a partir da definição de políticas públicas de ensino das línguas crioulas nas ilhas caribenhas e do reconhecimento da importância das línguas crioulas na formação identitária dos povos insulares e da literatura como espaço de tomada de consciência e de questionamento dos rumos identitários, sociais, políticos e culturais na pós-colonização, para viver a criouliidade.

Finalizando o bloco voltado para a definição e implementação de Políticas Linguísticas para situações de Contato, dois artigos retomam a questão da promoção de direitos com refugiados e práticas de ensino de línguas para o contexto atual de (i)migração. Bruno Deusdará, Poliana Coeli Arantes e Décio Rocha discutem, a partir de uma experiência concreta de acolhimento a refugiados, os sentidos e modalidades de política linguística subjacentes a essa prática, a partir da noção de prática discursiva, relacionando essa experiência aos desafios propostos para o campo da Linguística Aplicada. Em artigo que relata uma pesquisa realizada nos meios de comunicação sobre “estilos de vida de imigrantes e refugiados”, Alexandre Marcelo Bueno faz uso dos postulados da semiótica discursiva, em especial as propostas da sociosemiótica, para propor uma análise dos diferentes grupos de estrangeiros a partir das definições que recebem nas reportagens sobre a imigração contemporânea para o Brasil, propondo uma tipologia que os agrupa em “qualificados”, “explorados”, “empreendedores” e “artistas”.

Na sequência, três artigos discutem a temática do Contato de Línguas pelo viés da História das Ideias Linguísticas, articulada à Análise de Discurso de linha materialista. Lourdes Serafim da Silva e Joelma Bressanin objetivam compreender a constituição dos sujeitos e das línguas, por meio de traços de memória da/na língua manifestados em situações de ensino-aprendizado. As autoras focalizam as políticas de línguas, ao considerar a questão do nacional como uma questão de Estado, e pensam na sua articulação com o ensino. Caroline Schneiders desenvolve uma reflexão que tem por objetivo compreender a memória constitutiva do discurso sobre a língua do/no Brasil no início do século XX,

a partir das obras: *A defesa da língua nacional* (1920), de Laudelino Freire, e *A língua do Brasil* (1947), de Gladstone Chaves de Melo. Por meio dessas materialidades discursivas, observa como a história e a memória afetam e determinam o modo como a língua do/no Brasil é significada em diferentes conjunturas sócio-históricas e ideológicas. Phellipe Marcel da Silva Esteves investiga como o estatuto de “imigrante” no Brasil vai sendo construído pela língua que se fala no país, permitindo que a alguns sujeitos essa designação seja aceitável e a outros seja vetada. O artigo se debruça sobre as oposições/complementaridades/ combinações dos nomes “escravo”, “colono”, “colonizador”, “senhor-de-engenho”, “imigrante” com os adjetivos “branco”, “negro”, “africano”, “europeu” e respectivas flexões no feminino e no plural, fazendo uso da primeira versão do *Corpus do Português* organizado pelos pesquisadores Mark Davies e Michael J. Ferreira.

O bloco seguinte trata do tema das Línguas em/ de Contato a partir da perspectiva do multilinguismo e multiculturalismo. Nele, os autores questionam ideologia, ensino, proficiência e translanguagem. O artigo de Joel Windle investiga as identidades sociais ligadas ao inglês no Brasil, conectando-as a ideologias linguísticas e refletindo sobre como elas podem ser desafiadas. Baseia-se na narração em primeira pessoa de “momentos críticos” na perspectiva de um migrante de língua inglesa “falante nativo” que vem para o Brasil. As reflexões identificam que, intimamente ligada à categoria “falante nativo”, está a noção de raça, teorizada através dos conceitos de “aceitação racial” e “capital racial”, que se baseiam em uma estrutura teórica de Bourdieusian. O artigo conclui com exemplos de desafios ao modelo de “falante nativo” nas práticas linguísticas híbridas da juventude brasileira.

Dando sequência ao bloco, Karen Pupp Spinassé e Maria Lidiani Käfer tratam da conscientização linguística e da Didática do Multilinguismo em contextos de contato Português-Hunsrückisch, uma das línguas de imigração de maior abrangência no Brasil, já tendo sido co-oficializada em dois municípios do Sul do Brasil – Antônio Carlos, em Santa Catarina, e Santa Maria do Herval, no Rio Grande do Sul. As autoras descrevem ações de projetos de pesquisa que desenvolvem nessas comunidades, onde investigam tanto as práticas de linguagem quanto as atitudes linguísticas presentes

nas regiões, buscando colaborar na manutenção da língua e da identidade deixadas de herança pelos antepassados. O artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa-ação realizada em duas escolas de diferentes comunidades de fala de Hunsruckisch, que teve como objetivo utilizar a conscientização linguística para despertar a sensibilidade e o respeito a diferentes variedades, pensando os fundamentos para uma Didática do Multilinguismo que se permita partir das línguas e culturas locais para levar ao aprendizado de outras línguas. No artigo sobre a língua ucraniana como símbolo de pertencimento e de identidade de ucraniedade em uma comunidade no sul do Brasil, Jakeline Semechechem, Neiva Jung e Adriana Dalla Vecchia discutem os (des)caminhos da identidade ucraniana articulada a valores da língua ucraniana e da religião católica do rito ucraniano em uma comunidade rural multilíngue (português, brasileiro e ucraniano) de um município do Sudeste do estado do Paraná, a partir de dados resultantes de uma pesquisa etnográfica. A perspectiva teórico-metodológica compreende multilinguismo como um conjunto de recursos comunicativos ideologicamente carregados, que constitui o repertório linguístico das pessoas e está articulado a identidades sociais. Os resultados da análise mostraram que os participantes consideram as práticas linguísticas em língua ucraniana local como símbolo de pertencimento e de identidade de ucraniedade. Essa identidade está associada à etnicidade, à religião, ao trabalho rural e à língua ucraniana e representa o que é ser ucraniano de uma comunidade rural no interior do Brasil. Dando prosseguimento às discussões de contextos multilíngues de (i)migração no Brasil, Elizana Schaffel Bremenkamp, Kathe Rys, Andrew Nevins e Gertjan Postma descrevem uma comunidade linguística denominada Zeeuws-Flamenga, existente no estado do Espírito Santo, que hoje não tem mais de 20 falantes. Os Zeeuws-flamengos, que deixaram a Zeeland em 1858-1862, enfrentaram dificuldades para se adaptar e se integrar à sociedade brasileira desde sua chegada, com a sua língua ameaçada não apenas pelo Português brasileiro, mas também pelo Pomerano brasileiro, língua franca da comunidade protestante germânica na região. No artigo os autores apresentam uma pesquisa sociolinguística da comunidade brasileira Zeeuws-Flamengo e uma visão geral de suas características linguísticas, como a alofonia intra e

interpaquete, o empréstimo lexical e o calagem, a neutralização relativa do pronome, o apoio, a queda do tópico, a fusão do complemento e a perda de diminutivos.

Na sequência, três artigos tratam da questão do ensino de português como língua estrangeira (PLE), o primeiro em contexto fora do Brasil, o segundo, em uma Universidade Federal brasileira e o terceiro, em uma situação de fronteira. Na primeira situação, Wagner Rodrigues Silva, Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly e Ana Lúcia de Medeiros descrevem a confluência de fatores históricos, econômicos, pedagógicos e subjetivos subjacentes à política de ensino do Português Brasileiro como língua adicional no contexto acadêmico de uma universidade egípcia. A pesquisa se situa no campo indisciplinar da Linguística Aplicada e apresenta um encaminhamento teórico para a elaboração de uma proposta pedagógica crítica, objetivando uma educação libertária. No contexto de ensino de PLE no Brasil, o artigo de Francisco Arimir Cunha Filho e José Carlos Chaves da Cunha apresenta resultados de um estudo desenvolvido em uma turma de PLE da Universidade Federal do Pará e mostra as (im)pressões do aprendente no processo de apropriação do português língua estrangeira, discutindo a proficiência e a alternância de línguas no que os autores chamaram de “rota de colisão”. Maria Elena Pires Santos traz para discussão o contexto da tríplice fronteira e põe em foco as práticas das translanguagens, exemplificadas no movimento literário *Portunhol Selvagem*, que entrelaça as línguas portuguesa, guarani, espanhola e inglesa, buscando quebrar fronteiras linguísticas, culturais, sociais e políticas. O artigo questiona o papel da escola como reprodutora do mito do monolingüismo.

O artigo de Daniel Padilha Pacheco da Costa encerra o volume, explorando a origem do *argot* antigo, definido pela linguística diacrônica do início do século XX como uma variedade socioletal de caráter convencional e secreto, definição que se baseia na descrição por um documento jurídico medieval do jargão falado por uma quadrilha criminosa, os *Coquillards*. O autor mostra que a origem do *argot* antigo é indissociável do mito moderno sobre François Villon, considerado por seus editores e tradutores como o suposto autor empírico dessas baladas.

Com todos os estudos e pesquisas aqui divulgados, a Gragoatá 42 permite ao leitor uma viagem acadêmica e científica a diferentes mundos linguísticos, definidos por histórias, fronteiras, políticas, etnias, identidades e práticas de linguagem que refletem o *Weltanschauung* de cada protagonista do Contato de Línguas.

*Mônica Savedra
Konstanze Jungbluth
Organizadoras*